



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS**

**ROBSON DIAS**

**RELATÓRIO DE PROJETO:**

**ECO**

**RECIFE – 2019**

**ROBSON DIAS**

## **ECO**

Relatório de Pesquisa e Produção  
apresentado à Universidade Católica  
de Pernambuco como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Especialista em Estudos  
Cinematográficos, sob orientação do  
(a) professor (a) André Antonio

**RECIFE – 2019**

## GRADECIMENTOS

Meus agradecimentos em primeiro lugar vão ao maior diretor, roteirista, autor de uma grande obra clássica, conhecida por todos no qual nós somos os personagens e cada indivíduo representa seu papel, podendo mudar o roteiro da sua vida, porque ELE nos deu o livre arbítrio decidir, por ELE e para ELE foram feitas todas as coisas, DEUS!

Agradeço também a minha querida família Edith Dias, Jadson Dias, Jadh Dias, João Miguel Dias, Alice Dias e Alessandra Dias. Minha eterna gratidão por sempre estarem ao meu lado.

Ao amigo e professor Eduardo Queiroga, sem sua orientação não estaria aqui!

Ao amigo e professor Mateus Sá, que sempre confiou no meu olhar fotográfico.

Ao meu orientador André Antônio que me enriqueceu de experiência durante o processo de Eco, verdadeiramente fiz uma boa escolha. Muito grato Prof André por sua paciência e expertise no campo cinematográfico.

A todos os mestres e doutores que contribuíram dividindo conhecimento durante esta jornada.

Grande abraços a todos!

## **RESUMO**

O filme ECO tem como finalidade apresentar a possibilidade de contemplação de imagens que, a princípio, se apresentam como algo muito simples, todavia sua estética fotográfica híbrida ao fundir imagens estáticas e imagem em movimentos desperta no espectador certo deslumbramento. Nesse contexto, é possível afirmar que o real propósito do referido filme consiste em convidar o espectador a uma reflexão criando sua própria narrativa.

**Palavras-chaves:** Filme. Fotografia. Reflexão.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve início em 2012 com a busca do conhecimento nas produções cinematográficas e suas diversas possibilidades na realização. Por estar envolvido no mundo das imagens ao longo de toda vida, utilizando a fotografia como uma ferramenta de comunicação, surgiu o desejo de produzir um produto que envolvesse a imagem estática e a imagem em movimento em um só produto.

Com o término de sua graduação em Comunicação Social com Habilitação em Fotografia, em 2013, Robson Dias em parceria com amigos iniciou a produção do filme ECO. O primeiro passo foi identificar uma família que se disponibilizasse a participar deste filme, entretanto, o primeiro obstáculo era encontrar um casal com filho recém-nascido que estivesse disposto a fazer parte deste projeto, pois muitas vezes encontrava-se uma família onde o pai aceitava o desafio, mas a mãe não dispunha de tempo, ou vice-versa. Esse ponto foi alcançado quando identificamos uma mãe solteira com um filho de seis meses que se dispôs a participar do filme, e fomos à busca de um personagem para representar o pai da criança, nestes momentos de conversas foi construído um laço de amizade entre todos os envolvidos no projeto, amizade essa que se perpetua até nossos dias.

No primeiro roteiro tudo aconteceria dentro de uma casa e as cenas seriam sempre o casal congelado sem fazer nenhum movimento e a criança por ter seis meses não haveria nenhuma direção sobre ela, tudo seria registrado conforme fosse acontecendo. Com tudo ajustado, atores da vida real, cenários de vivência da realidade de uma família simples e humilde, a localidade que seria na comunidade do Tururu, localizada no bairro do Janga na cidade de Paulista, Pernambuco.

Foram produzidas algumas cenas para apresentação do projeto na academia e assim conseguimos a orientação de um Professor. Acreditando que todos os processos estavam sendo desenvolvidos como foram pensados, as imagens estavam perfeitas dentro da nossa ótica, assim montamos um pequeno corte para apresentação com cenas internas, essas cenas consistiam nos pais

sentados em um sofá totalmente paralisados e a criança no colo da mãe, logo em seguida os pais sentados no chão da casa totalmente imóveis e a criança também no chão solta brincando, encontrava-se então, a presença da fotografia, através de imagens estáticas, e o vídeo, as imagens em movimento. Entretanto, toda a equipe foi surpreendida, uma vez que o projeto não foi aceito por entenderem que o trabalho de finalização do curso, teria que ser algo totalmente voltado para a fotografia e não para o audiovisual. Não havia outra alternativa a não ser buscar recomeçar.

O material foi arquivado e agradecemos a disponibilidade de todos envolvidos. O cinema não saiu mais de foco, tal experiência foi mágica, e partir daquele contato passei a deslumbrar as produções cinematográficas e introduzir o cinema dentro do meu campo corporativo e social, dirigindo clips e vídeos para empresas e famílias que queriam contar suas histórias através de uma produção cinematográfica. Com o passar dos anos, deparei com a oportunidade de especializar-me em Estudos Cinematográficos na UNICAP, onde a cadeira de “Cinema e Artes Visuais”, ministrada pelo Professor André Antônio, que durante suas apresentações em sala de aula, utilizando diversos trabalhos artísticos desenvolvidos para o cinema e galerias de artes, despertou-me a lembrança do material arquivado em 2013, renascendo o desejo de vivenciar de modo efetivo o universo cinematográfico.

Diante da real possibilidade, foi apresentado ao Mestre as imagens que teria em arquivo e que teria a possibilidade de retomar as gravações, e ao observar as cenas rodadas em 2013, o mesmo abraçou a ideia. Todavia, estávamos em um novo território, onde todas as métricas e estratégias precisariam ser repensadas, reconsideradas e redirecionadas, inclusive o discurso estético, uma vez que desta vez o material seria um curta metragem, se fazia necessário ter um roteiro, direcionando a desenvolver a produção do filme, a montagem, tudo com muita coerência e para ajudar nesse processo convidamos o professor André Antônio para ser nosso orientador e graças a Deus, ele aceitou e passamos a desenvolver juntos com muito carinho esse curta metragem para todos vocês.

## EXECUÇÃO

A ideia era construir um filme sem diálogo e sem texto, utilizando-se apenas de imagens para construir uma narrativa, o filme teria sim, um roteiro narrativo para ser seguido, mas, esse roteiro não poderia ficar explícito para os espectadores, um dos desafios seria produzir imagens que atraíssem o espectador para dentro do filme e cada um pudesse criar sua própria narrativa, as imagens teriam que falar por si só, serem fortes no sentido de uma estética cinematográfica e que pudessem ser contempladas com um olhar artístico e poético.

Sem deixar clara a intenção do realizador, as imagens teriam que ser subjetivas para evitar o máximo guiar o espectador deixando-o livre para refletir sobre cada cena do filme.

A trilha do filme também não poderia direcionar o espectador na intenção do autor, deveria ser uma trilha que permitisse que o espectador tivesse liberdade para fazer sua leitura narrativa do filme segundo sua vivência. Uma trilha que por vez provocasse certa estranheza no espectador.

Quanto ao título do filme, esse também não poderia revelar a intenção do realizador, e aí nessa busca pelo título do filme, ao nos debruçarmos em leitura e pesquisa chegamos ao título do filme, ECO.

O significado de Eco: Repetição de um som devido à reflexão das ondas sonoras. Som repetido ou lugar onde se produz o eco.

No que tange a este projeto, ECO é a repetição imagética, a introspecção da memória, um momento em que o indivíduo entra em um estado da psicanálise chamado de Downtime, em uma reflexão interior, retratando suas lembranças e emoções. Este curta-metragem sem diálogo e sem texto teria o propósito de tentar levar o espectador a fazer uma reflexão e desafia-lo a construir sua própria história.

De acordo o orientador do presente projeto, é possível definir Eco como “um filme classificado como curta-metragem híbrido. Um curta-metragem que não usaria a estética do cinema clássico tradicional, no qual não seria necessário

uma decupagem realista e narrativa”. Seria, portanto, ainda segundo André Antônio, uma produção híbrida entre o cinema e as artes visuais. Eco é para ser um filme que poderia ser exibido tanto numa sala de cinema quanto em um museu ou galerias. Cinema puro não conseguiria ser exibido em galerias. As pessoas não conseguiriam acompanhar a história. Por outro lado, uma produção videoarte não seria exibida só no cinema, os espectadores achariam muito estranho ficar sentados acompanhando um filme sem narração. Mas, já uma obra híbrida por misturar as linguagens, por não estar nem lá nem aqui, consegue transitar por esses dois espaços.

Para complementar a construção de Eco, buscou-se embasamentos referenciais para enriquecer a construção teórica do discurso imagético, especialmente ao que se observar das produções contemporâneas (FATORELLI, 2013).

Ainda de acordo com o entendimento do Fatorelli (p. 20, 2013),

a história recente dos meios visuais e audiovisuais é uma trama de assimilações, de contágios e de recíproca entre as diferentes formas, em flagrante desacordo com as pretensões modernistas de purismo e de autonomia. Essas tramas mais ou menos complexas sinalizam, no caso particular das relações entre as diferentes formas de expressão visual, a existência de negociações e de empréstimos entre, por exemplo, a fotografia e o cinema.

Eco é um filme pensado para trazer ao seu público uma correlação entre a fotografia, a imagem estática e o cinema, a imagem em movimento. Na qual a imagem estática e a imagem em movimento seriam os protagonistas deste curta. Em todas as cenas, a imagem estática e a imagem em movimento estariam presentes, trilhando em um só caminho, a fotografia e o cinema de mãos dadas.

Para que Eco fosse gerado, foi de suma importância trazer a compreensão de Dubois (2004), quando descreve o capítulo de ENTRE-IMAGENS foto, cinema, vídeo, analisando a trajetória de Thierry Kuntzel e Jean-Luc Godard. Dubois (2004, 15), finaliza dizendo que:

Kuntzel vindo da teoria do cinema da qual foi um dos criadores na França, conduziu o cinema a pintura e suas reflexões. Já Godard aproximou a imagem, (o vídeo e o cinema, um por meio do outro, mas também a foto) da literatura e da linguagem. Da literatura, pelas posições de enunciação, a natureza do gesto criador, a indeterminação das obras, sua capacidade reflexiva. Da linguagem, no sentido em que

as palavras se incorporam cada vez mais à imagem (em lugar de apenas imiscuir-se nela, como acontecia no cinema mudo, que pressentiria esse impulso). Essa é a força, exemplar de *Puissance de la parole*, de Godard (e de suas *Histoire(s) du cinéma*), que toda sua obra prepara.

E foi com esse impulso que *Eco* foi gerado, um filme puramente reflexível onde suas imagens precisariam falar com seus espectadores, não com a intenção do cinema mudo, porque seus personagens não iriam interagir uns com os outros, não haveria diálogo e nem a presença do narrador, nem cartelas de textos explicando as relações entre seus personagens.

*Eco* trás uma construção de luz e sombras, movimentos e congelamentos, proporcionando um leque de compreensão e reflexão através de suas imagens.

Com as ideias no papel, em relação ao caminho a ser seguido, iniciaram-se as gravações, seguindo cuidadosamente toda a construção com base teórica cinematográfica, precisaríamos encontrar um quarto personagem, isso porque tínhamos já agora em 2019 os personagens não atores, personagens comuns da vida real, que era a figura do pai, a mãe e o filho. Lembrando que as primeiras gravações foram rodadas em 2013. O filho que teria seis meses de idade, hoje estaria com 6 anos de idade. Situação essa muito favorável para o contexto do filme. Além de ter que procurar os três principais integrantes que já haviam participado do primeiro momento em 2013 e contar com disponibilidade de cada um deles, tendo em vista que a mãe e a criança eram de verdade mãe e filho, mas o suposto pai era um amigo que concordou em fazer o papel de pai da criança, caso um deles não pudessem voltar a gravar o filme, isso seria muito ruim para a conclusão do formato que havíamos montado. Sair em busca dos três personagens era nosso próximo desafio.

Ao contatar com os três personagens da vida real, *lasmym Araújo da Silva* a Mãe, *Matheus Davi Araújo de Lima* a criança e *Ronaldo dos Santos* o amigo que representou o pai em 2013, todos concordaram em dar continuidade ao filme. Deparamo-nos com outro desafio, encontrar o quarto personagem adulto para representar a criança na sua fase adulta. Mas foi através do Coletivo *Força Tururu*, na pessoa do *Cidcleiton Zumba*, que encontramos o personagem perfeito para representar a criança na sua fase adulta.

Eco, vem com um embasamento no campo das artes visuais, e com isso ele se torna um filme híbrido e na sua produção de capturas das imagens fomos buscar um formato que marcou a história do cinema em nosso país, que foi o movimento cinematográfico brasileiro, que surgiu nos anos de 1960 a 1970 chamado de Cinema Novo.

Este chamado Cinema Novo se destacou com suas produções que buscavam retratar a igualdade social, os novos realizadores que surgiam naquela época foram influenciados pelo neorealismo e a Nouvelle Vague francesa. Mas o que vai ficar desse movimento na produção de ECO é a forma de produção visando uma produção de baixíssimo custo na qual os realizadores do Cinema Novo se utilizavam de uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, se referindo a produção simples sem ser comparadas as grandes produções que havia na época através da Vera cruz e outras produtoras.

Eco é gerado com uma receita zero custo, todos participantes do filme, se colocaram a disposição das gravações sem cobrar nenhum valor, toda dedicação dos participantes foi em pró do cinema Pernambucano. Isso contribuiu para a valorização dessa produção.

## **Equipe**

André Antônio: Professor

Câmera: Alexei Joseph

Robsonn Dias

Drone: Robsonn Dias

Finalização da Montagem: Jessica do Vale

## **Elenco**

Eco é composto dos seguintes integrantes:

lasmym Araújo da Siva - a mãe da criança

Matheus Davi Araújo de Lima - a criança

Ronaldo dos Santos - O pai da criança

Cidcleiton Zumba - o adulto que representa a criança na sua fase adulta

O Coletivo Força Tururu com seus integrantes

A escolinha de futebol da comunidade do Tururu

## **Equipamentos**

Quanto aos equipamentos utilizados para as capturas das imagens:

- Uma câmera DSLR 6D
- Uma lente 50mm 1.8
- Um led
- Um tripé
- Um drone da DJI Phantom4

## **Custo**

Todos os equipamentos são próprios, não havendo necessidade de locação com ônus.

## **Execução**

Iremos agora discorrer sobre todo processo de capturas e tentar deixar bem claro o passo a passo da construção de Eco.

Como já mencionado anteriormente as imagens que foram geradas em 2013 e foram arquivadas e fizeram parte do primeiro ato deste curta-metragem.

Ao retornamos com o conceito construído e o desejo de realizar este curta-metragem, começamos as gravações seguindo as orientações do professor André Antônio.

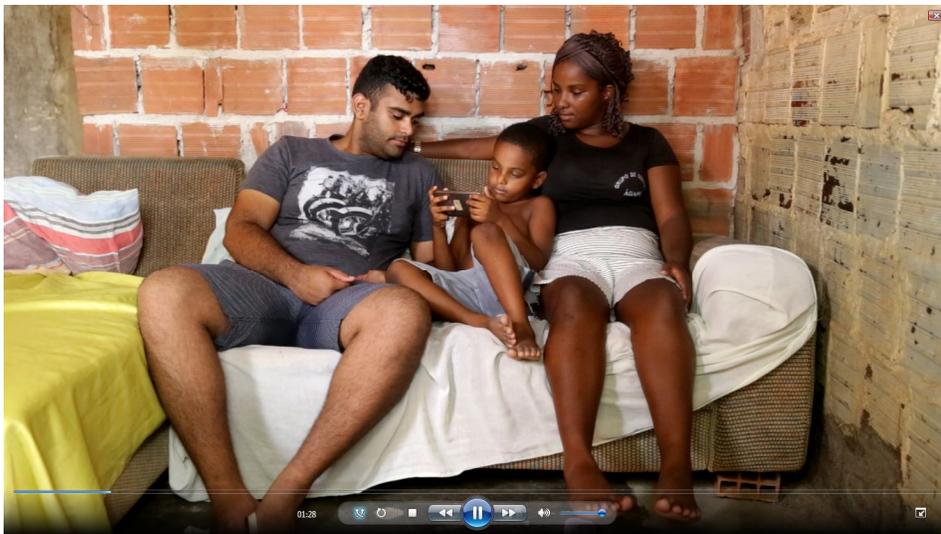
Os primeiros passos foi reproduzir o mais próximo possível o que teríamos gravado em 2013.

Os cenários já não eram os mesmos os móveis também haviam sido modificados, como também os personagens haviam mudado suas aparências. Mas afinal, seis anos haviam passado e isso trouxe para Eco um valor imagético.

Seguem algumas imagens para comparação:



2013



2019



2013



2019

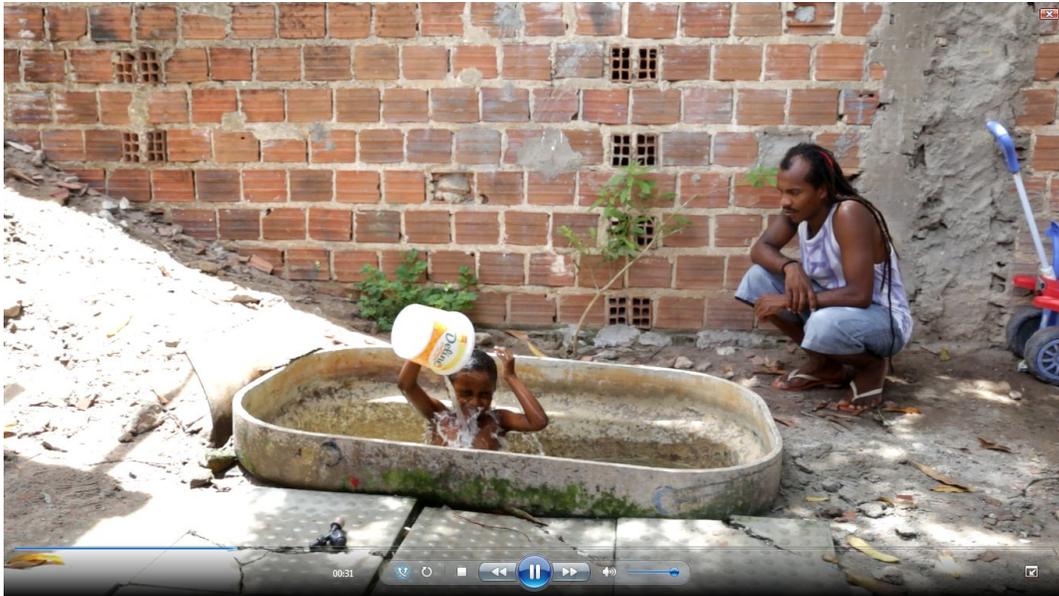
Já com a compreensão de tempo através das imagens a cima, demos continuidade ao processo criativo.

Todas as cenas foram dirigidas utilizando os mesmos cortes, com uma única câmera e sempre a câmera fixa em um tripé com uma lente 50mm 1.8 e os personagens adultos congelados, segurando o máximo a respiração para gerar uma sensação de congelamento na imagem, já a criança ficaria bem a vontade, nós não iríamos interferir nos seus movimentos, a intenção era que os

movimentos da criança se revelassem o mais natural possível, mesmo estando diante de uma câmera e ouvindo o sinal de GRAVANDO! A criança nos surpreendeu no seu comportamento, porque em momento algum tivemos a pretensão de dirigi-la, logo não houve nenhum ensaio prévio para a gravação das cenas, todos foram feitos na hora e sem ter que repetir cenas, foi algo inacreditável como tudo aconteceu, cada plano sendo construído na hora, com os atores representando eles mesmos. Esse jogo de vida real e ficção de representação e de significação, atores comuns representando suas próprias vidas comuns. Não posso deixar de dizer que houve uma hora que pensei que estava gravando um documentário.

Mas, voltando ao segundo dia de gravação, seguem algumas imagens:





Nessas duas cenas os personagens adultos permanecem congelados, totalmente paralisados enquanto a criança brinca com sua bicicleta e toma seu banho em sua piscina.

Na primeira imagem a mãe contempla seu filho.

Na segunda imagem a criança já adulta volta ao passado para se ver como ela era feliz na sua vida simples.





Nessas imagens acima em close up tanto da criança como ela já adulta, serviria para fazer uma transição na montagem.

No terceiro dia de gravação, foi algo muito mágico, tínhamos que conseguir um grupo de crianças para fazer uma cena em um campo de futebol, onde estariam todas as crianças em congelamento totalmente estáticas e só o personagem principal em movimento driblando os demais e fazendo um gol, o goleiro também estaria totalmente imóvel.

E para nossa sorte, se é que podemos chamar de sorte, encontramos uma escolinha de futebol infantil, e ao propor que eles participassem das gravações os professores aceitaram o convite e tivemos a participação de dois times mirins. No primeiro momento como se trataria de uma grande multidão, tínhamos vinte e duas crianças em campo, tivemos que nos reunir com eles e passar todas as orientações necessárias de como eles deveriam se comportar quando estivéssemos gravando, para nossa surpresa, tudo correu perfeitamente não foi preciso refazer a cena, com uma única tomada conseguimos um bom resultado, no campo rodamos três cenas com o drone. Seguem imagens:

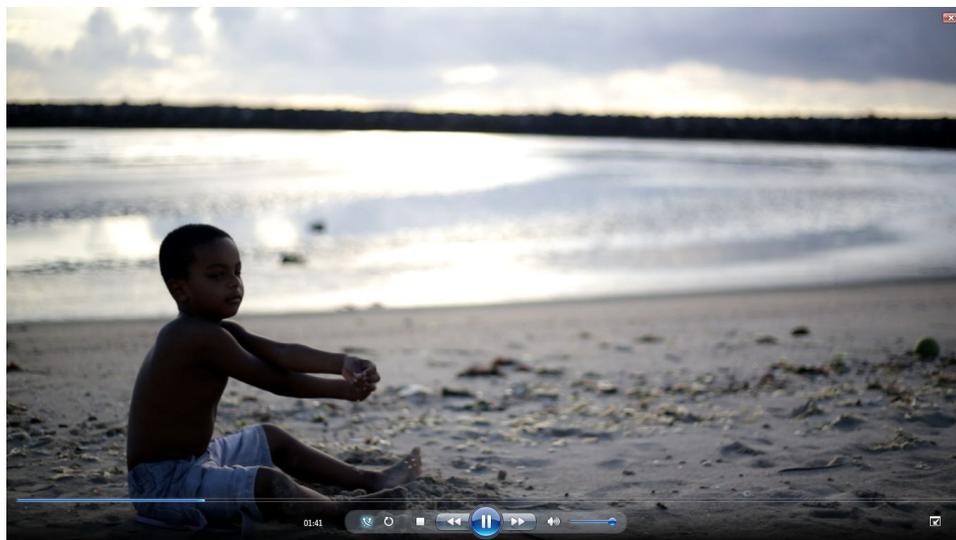
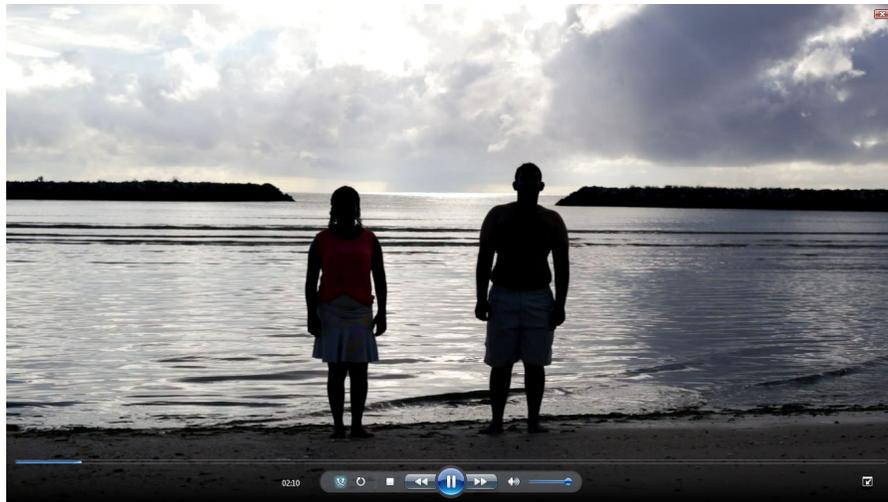


Essa terceira imagem foi com o drone no chão.

No quarto dia de gravação, escolhemos como locação gravar no nascer do sol na beira da praia, teríamos que estar no local às 5h da manhã e o mar precisaria estar com a maré baixa, consultamos o site de maré de Pernambuco e agendamos a gravação.

Às 4h30 eu estava pegando cada personagem em suas casas, para garantir que estaríamos no local no horário combinado, porque a luz que iria compor a cena seria a luz natural do sol e essa luz não se tem o controle sobre ela. A fotografia desta cena iria depender da luz que a natureza iria nos conceder.

Seguem algumas imagens:

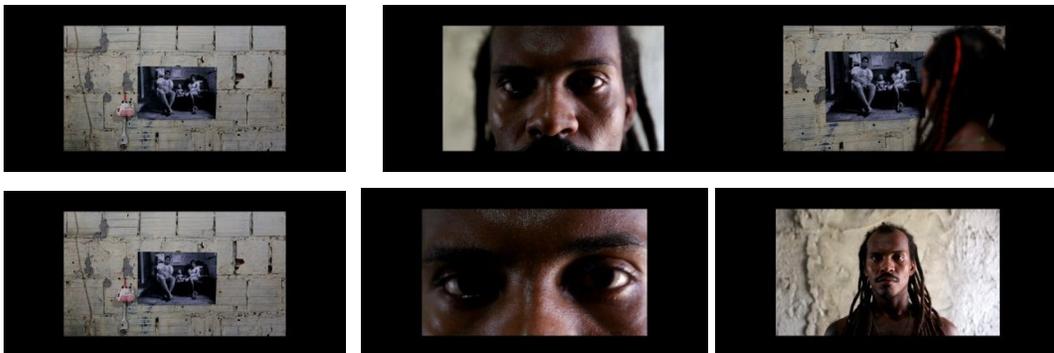




A utilização do contra-luz favorecida pela luz solar, contribuiu para uma boa construção dessa cena.

Com todas as cenas já rodadas, passamos para a montagem do filme para apreciação do professor André Antônio.

Seguem imagens do primeiro corte:







Neste primeiro corte tivemos a seguinte linha de montagem:

O filme começa com a imagem da fotografia de uma família composta por três pessoas, a foto em preto e branco remetendo ao passado de que a contempla, em seguida aparece um personagem olhando a fotografia na parede e as imagens ficam se alternando na foto na parede e no close up do personagem até que ele fecha os olhos e aí começa a introspecção das lembranças. Com a passagem do tempo representada por uma imagem da lua passando entre as nuvens, essas imagens foram capturadas no ultimo eclipse em 2019 e deixamos para banco de imagens que veio servir para contribuir com a construção deste curta-metragem.

Em seguida vem a cena de uma ultrassonografia e umas imagens fictícias no qual seriam substituídas por cenas de um parto humanizado, e logo depois entram as cenas que foram feitas em 2013, com a criança com seis meses de vida e temos três planos nesse momento. Logo para mudar o tempo entra novamente a cena da lua entre as nuvens e voltamos com um salto no tempo de seis anos depois, na sequencia procuramos reproduzir o mais próximo possível das cenas anteriores seguidas de cenas com uma nova direção, como a criança em uma bicicleta e a mãe na porta de casa contemplando a saída de seu filho que está cada vez mais independente, e logo vem a cena da família junta novamente, com os personagens totalmente estáticos e só a criança em movimento na área externa da casa, entra a cena da criança brincando em uma caixa d'água tomando banho e com uma fusão na imagem entra o personagem adulto contemplando a si mesmo quando criança, e mais uma vez entra a imagem da lua entre as nuvens levando o espectador a um outro cenário.

Agora a cena será em um campo de futebol onde todos os participantes estarão estáticos totalmente congelados e somente a criança estará em movimento driblando com a bola todos os outros jogadores até fazer o gol. Nesta

cena com o drone proporcionando ao espectador uma vista panorâmica da cena vista de cima. As cenas se completam na seguinte sequência: A imagem da bola no chão, o drone parado no centro do campo pegando toda área do campo, e o drone por trás da barra a cima da trave horizontal da barra pegando a criança partindo para o chute a gol.

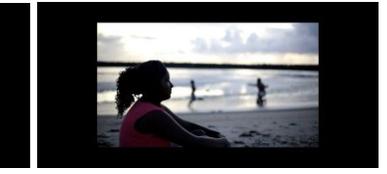
Em seguida vem a imagem da mãe congelada em primeiro plano enquanto o pai está brincando com a criança ao fundo. Depois nós temos uma sequência da criança brincando no primeiro plano e os pais congelados ao fundo. Depois temos os três sentados na areia e permanecem os pais congelados e a criança entre eles brincando. Depois temos os pais totalmente congelados num contra-luz na beira da praia estando um pouco afastada um do outro e numa fusão de imagem a criança vai surgindo entre os dois. Depois nós temos a criança em close up olhando para a câmera e o personagem adulto em segundo plano totalmente congelado, câmera entra com uma distorção de foco, ora focando no segundo plano e hora focando no primeiro plano, em seguida a câmera para só na criança em close up e depois surge o personagem adulto com os olhos fechados como lá no início contemplando a fotografia na parede, e a trilha faz um estrondo de forma que o personagem abriu os olhos repentinamente e o filme termina deixando o espectador fazer sua conclusão.

Ao levar o primeiro corte como narrado acima o orientador professor André Antônio fez suas considerações, e com a sua expertise no campo cinematográfico nos orientou a fazer algumas mudanças na montagem, trocando a ordem e ao mesmo tempo eliminando alguns planos de cenas.

Ficou assim o segundo corte:

No início do filme quando aparece a fotografia na parede foi tirada a cena que a câmera pegava por trás do personagem contemplando a foto na parede, saiu também a possibilidade de colocar uma cena de um parto humanizado. E foi alterado o início do filme em vez de começar com a fotografia na parede, começaria com um close up do personagem totalmente estático.

Seguem imagens para fazer referência a sequência do segundo corte:





Ao apresentar esse segundo corte ao orientador professor André Antônio, foi que ele com seu olhar, mas deslumbrado com o filme, nos trouxe um desafio que a princípio me causou certa preocupação, André percebendo que o curta estava dividido em dois atos, ele sugeriu a criação do terceiro ato agora só com imagens da criança já adulta, essa proposta veio com uma palavra de alento que disse: Caso o terceiro ato não se encaixe ficará com apenas os dois atos que já atende a proposta do curta-metragem. Fui para casa pensando como faria para criar o terceiro ato sem alterar o discurso proposto para o filme. Foi nessa pegada de aflição para construir o terceiro ato que surgiu a ideia de fazer cenas que remetessem à solidão que ele como adulto vivia e como seria bom voltar a ser criança.

Segue sequência do terceiro corte e alterações na montagem:









Com as alterações feitas no terceiro corte, eliminando as fusões das imagens deixando os cortes secos e as imagens como capturadas sem nenhum efeito técnico e acrescentado o terceiro ato que foi solicitado pelo orientador, queremos descrever o processo de como foi essa construção do terceiro ato.

Eu, Cidcleiton Zumba e Ronaldo Santos, saímos a andar pelas ruas da comunidade a procurar uma locação noturna para finalizarmos o terceiro ato, e nos deparamos mais uma vez na beira da praia, e o mar estava em maré baixa, e a orla muito deserta, mas bem iluminada, perfeita para gerarmos uma fotografia que impactasse o espectador. Essa foi minha visão do cenário marítimo que encontrei, o Ronaldo Santos que desempenhou o papel de pai da criança, não entraria em cena, seu papel já havia terminado, ele agora passou a assistente de iluminação na gravação do terceiro ato.

Com uma câmera DSLR, uma lente 50mm 1.8, um tripé e um led de seis pilhas AA, foi o suficiente para conseguirmos realizar as cenas desse terceiro ato. A primeira fotografia é o personagem olhando o celular e de fundo a iluminação do calçadão da orla, uma luz do led para preenchimento e criando umas sombras para modelar o personagem. Logo depois vem uma cena contra-luz, o assistente de iluminação se esconde por trás do personagem jogando a luz do led em um contra.

Na próxima cena o quadro está totalmente escuro e a luz agora toma o protagonismo da cena, a luz vai entrando de uma forma que envolve por completo o personagem. Com um corte da cena mais aproximado, o

personagem permanece observando o celular, e a imagem que ele está contemplando é a mesma fotografia que estava lá no início na parede, quando a imagem se apaga no celular, o personagem não mais aparece, agora aparece apenas a sombra do personagem na água, em seguida um outro corte só enquadrando uma parte da água, com a câmera fixa em um tripé a câmera fica gravando apenas o movimento da água é quando vai surgindo a fotografia que estava lá na parede, só que agora ela está rasgada e só se percebe os personagens adultos porque a imagem da criança foi rasgada, a fotografia passa pela lente da câmera com um movimento como uma bailarina dançando balé até sair do enquadramento da câmera, neste final deixamos que o espectador possa construir o fim de sua narrativa.

## **CONCLUSÃO**

Ao pensar em produzir um produto para a finalização da especialização de estudos cinematográficos, o nosso desejo era de apresentar à banca um filme que pudesse contemplar um pouco de cada disciplina realizada durante todo processo. Eco, um curta-metragem Híbrido, com duração de 00h11m14s, que foge da narrativa clássica para o espectador, mas para o realizador ele tem sim começo meio e fim, e o nosso desafio foi construir Eco de forma que essa narrativa não ficasse visível, deixando o espectador refletir e assim Eco todas as vezes que for exibido, ele terá uma outra forma, porque Eco, veio para produzir sentimentos diversos e conforme estiver o estado de vida do espectador Eco renascerá de novo.

## **REFERÊNCIAS**

DOBOIS, Philippe. Cinema, Video, Godard. 2004, pág. 97;

FATORELLI, Antônio Pacca. Fotografia Contemporânea entre o Cinema, o Vídeo e as Novas Mídias. 2013.